

Uma História da Filosofia

65 John Dewey

Por Dr. Arthur Holmes do Wheaton College

Antes de abordarmos John Dewey, permita-me complementar o que estávamos discutindo sobre o pragmatismo americano em geral e William James em particular. Observamos algumas semelhanças entre a filosofia processual de Whitehead e o pragmatismo de James. Encontraremos ainda mais semelhanças em John Dewey.

Mas as semelhanças se devem à rejeição de Descartes e do fundacionalismo, à preocupação com a primazia da experiência concreta em detrimento de uma visão artificial e abstrata do que é a experiência, como a encontrada em John Locke. O modelo orgânico, onde os eventos individuais estão todos inter-relacionados em um único processo, é o que considero comum entre o pragmatismo e Whitehead. A grande diferença entre as duas tradições reside no naturalismo metodológico dos pragmatistas.

Iniciado por Charles Sanders Peirce, você se lembra do folheto e de sua concepção de fixação da crença, mas também está bastante explícito em William James quando ele fala de pragmatismo como um método para resolver disputas filosóficas. Como? Ah, essencialmente verificando as consequências empíricas de uma teoria. Elas ocorrem? É uma validação por confirmação experimental de uma hipótese, que é a noção de método científico que Peirce tinha.

Então James está trazendo isso para a filosofia. Isso significa que a filosofia será limitada ao que tem significado para a experiência concreta, ao que tem consequências práticas. E James publicou um livro intitulado Empirismo Radical.

Empirismo Radical. A questão é que John Locke não era radical o suficiente. E no Empirismo Radical, ele opera, veja bem, com uma teoria pragmática do significado.

As únicas disputas relevantes são aquelas que têm consequências práticas. Teoria pragmática do significado. E assim ele se recusa a discutir qualquer questão relacionada a substrato ou substância, mente, matéria e assim por diante.

Não tem relação com a experiência, não faz diferença. Da mesma forma, ele se recusa a entrar em debates sobre modismo metafísico versus pluralismo metafísico, materialismo versus idealismo. E você começa a se perguntar se toda a gama de questões teóricas da filosofia está sendo abandonada.

Bem, é este tipo de coisa, a teoria do Empirismo Radical sobre o significado, que eu acho que fundamentou o comentário que mencionei da última vez, de um dos meus professores de pós-graduação, ao apresentar um seminário. Ele disse que, na opinião

dele, pragmatismo e positivismo são a mesma coisa e ambos são becos sem saída. Porque ambos têm uma teoria do significado: a teoria pragmática do significado e a teoria positivista do significado, que veremos mais adiante, que restringe o que é mentalmente significativo, cognitivamente significativo, àquilo que tem certos tipos de consequências empíricas verificáveis, entende? E aqui, em James, é o pragmatismo radical.

Nos positivistas, trata-se do que Ayer chamou de eliminação da metafísica. Você lerá o capítulo de Ayer com esse título quando abordarmos o positivismo. Então, James tem essa observação.

Essa tendência de buscar consequências empíricas, de verificar por meio de consequências empíricas, transparece em um ensaio dele chamado "A Vontade de Acreditar", que você provavelmente encontrará em "Filosofia da Religião", por exemplo. O que James está fazendo é responder a um artigo de um autor anterior, W.K. Clifford, intitulado "A Ética da Crença", no qual Clifford argumenta que, se não houver um peso de evidências para uma visão em detrimento de outra, um peso de argumentos, então é moralmente irresponsável tomar uma decisão. Você deve se abster de julgar.

Há a velha linha de pensamento evidencialista de John Locke, entende? Você precisa adequar sua crença às evidências. E se não houver um grau maior de evidência para uma crença do que para outra, isso é significativo, então negue seu consentimento.

William James respondeu em sua obra "A Vontade de Crer" que negar o consentimento nem sempre é possível. Existem opções e escolhas importantes que nos são impostas pelas realidades da vida. Experiência concreta.

Então, na ausência dessa exigência evidencialista, como você vai decidir? Entende? E o ponto dele é que você se pergunte, em termos das consequências das duas crenças, para a experiência concreta, o que, para James, com sua formação em psicologia, significa para o seu bem-estar psicológico. Entende? Então, se uma crença lhe promete mais benefícios psicológicos do que a outra, isso é motivo suficiente para exercer a vontade de acreditar. Entende? O assentimento voluntário.

Isso se manteve, esse ensaio se manteve como uma das refutações clássicas da exigência evidencialista de John Locke. Entende? A outra, creio eu, é a influência do realismo escocês sobre contemporâneos nossos como Alvin Plantinga, que diz à exigência evidencialista: "Não vejo nenhuma razão para acreditar nisso". Em outras palavras, onde está a evidência para a exigência evidencialista? Nenhuma.

Porque ele está tentando dizer que existem certas crenças que surgem tão naturalmente, espontaneamente, que realmente não temos escolha a não ser reprimi-las. Então, William James, nesse texto, você vê o método dele em ação. Ele

tem outro ensaio em que fala sobre filósofos de mente rígida e filósofos de mente sensível.

Diferenças psicológicas, entende? Então, se elas compensam com o valor monetário de uma experiência concreta, psicológica. E é por isso que ele acha que filósofos de mente rígida vão acreditar em algumas coisas.

Eles vão aderir ao empirismo e outras ideias semelhantes, ao determinismo e assim por diante. Filósofos de mente sensível acreditarão em outras coisas. Todo o contexto pessoal da crença.

Ora, embora isso soe bastante relativista, o fato é que, se analisarmos a psicologia da crença, a natureza da personalidade a influencia. Sabe, eu me pergunto se a enorme crítica de Kant, pela qual alguns de vocês se apaixonaram, poderia ter sido escrita por um hippie californiano. Veja bem, foi obra de um solteirão prussiano, cuja vida era tão organizada que os vizinhos acertavam seus relógios pelo horário em que ele caminhava até a universidade.

E o estilo de vida tranquilo da Califórnia dificilmente produziria esse tipo de trabalho. Bem, aqueles de vocês que fizeram o seminário de Kant no ano que vem com meu amigo Stu Hackett verão semelhanças entre o tipo de personalidade psicológica dele e a crítica de Fureisen. Quer dizer, o caro Stu, ele é tão organizado.

Completamente, meticulosamente, quando foi à Índia estudar filosofia hindu há alguns anos, ele quase teve um colapso nervoso porque eles eram muito desorganizados. A relação entre psicologia e personalidade é algo fascinante. E, claro, se você quiser superar essa dependência psicológica, obviamente, precisa de alguns pontos de referência mais universais.

Você quer saber o que é a natureza humana genérica, entende? E não o que é esse tipo específico. Lembre-se de que o oposto de relativo é universal. E existem muitos, muitos fatores que influenciam o que uma pessoa acredita e pensa.

Algumas são peculiares, tipos de personalidade diferentes. Algumas são culturais. Algumas são inerentemente humanas, entende?

E para ir além do relativo e alcançar o universal, é preciso compreender o que é genericamente humano e o que lhe convém, o que lhe é natural. Acredito que seja o tipo de coisa que Agostinho estava fazendo quando disse que o coração fica inquieto até que, veja bem, ele pense que isso o define genericamente. Bem, você encontrará semelhanças entre esse tipo de coisa e o existencialismo, ou melhor, algumas vertentes do existencialismo. A primazia do prático, entende?, envolve a subjetividade humana, a pessoa como um todo, nossa interioridade, bem como a consideração de fatores objetivos.

E em James, particularmente, isso é evidente. Bem, talvez isso seja suficiente sobre James para ilustrar o que ele está fazendo. Algum comentário, ou estamos prontos para o grande D? Dewey.

Certo. Dewey parece ser de uma época relativamente recente quando digo que ele nasceu em 1859 e morreu em 1952. Acho que ele é o primeiro de quem passamos da metade do século, 1952.

Dewey representa não apenas o pragmatismo, que é basicamente um método para lidar com questões filosóficas e outras, mas também o que eu chamo de naturalismo evolucionário. Ou seja, ele é um naturalista filosófico. Tudo é explicável em termos de processos físicos.

Mas o tipo de naturalismo que ele defende é fortemente influenciado pela teoria da seleção natural de Darwin. Esse naturalismo evolucionista dele é um passo além do idealismo evolucionista com o qual ele começou filosoficamente, o idealismo evolucionista, com a noção de um processo histórico se desdobrando em formas de vida cada vez mais complexas, físicas, sociais, culturais, até chegar a uma experiência cada vez mais concreta. Nesse naturalismo evolucionista, encontramos três conceitos-chave que, acredito, ajudarão você a entender rapidamente o que ele está fazendo nos diversos temas que aborda em seus escritos filosóficos.

E, claro, ele aborda praticamente todas elas. Ele as aborda todas em seu livro "Just in Reconstruction", o livro que você está lendo. Seu conceito de experiência, antes de tudo, está muito mais próximo do conceito encontrado em Whitehead e James do que do conceito de experiência em John Locke.

Então, Whitehead, James e Dewey são, em certa medida, semelhantes. A experiência inclui a experiência afetiva, a psicológica e a emocional. Bem, esse foi o caso de Whitehead e James.

Mas também inclui experiências sociais e culturais. E, ao ler o livro, você talvez se pergunte se ele foi influenciado por autores da sociologia do conhecimento, já que ele aborda todas as influências sociais e culturais na formação da filosofia. De fato, se Whitehead fala sobre a influência das ciências naturais na filosofia, Dewey fala sobre a influência da mudança social na filosofia.

E qualquer que seja a sua ideia, note como ela é vastamente diferente do quarto aquecido por um fogão de Descartes, no qual não há influências externas. O quarto aquecido por um fogão torna-se simbólico de muita coisa: o indivíduo isolado e a privacidade da sua própria mente, excluindo toda e qualquer influência externa, histórica ou de qualquer outra natureza.

Que abstração da vida! Bem, a experiência concreta, então, é algo muito, muito amplo. Ele fala de experiência fluida.

Experiência fluida. Como se fosse um processo constante e contínuo do qual você mal tem consciência, tão fluido. Lembro-me de que, na época em que li Dewey pela primeira vez e me deparei com a noção de experiência fluida, eu tinha um Dodge 46, que possuía o que na época era chamado de transmissão hidráulica.

O que era o Fluid Drive? Bem, não tenho certeza, mas acho que foi um passo em direção à transmissão automática, porque a troca de marchas era muito mais suave, a ponto de você quase não perceber que estava trocando de marcha, embora ainda fosse feita manualmente. Fluid Drive. Você quase não percebe a transição de um momento ou situação para outro.

Uma coisa flui para a outra. Impulso fluido. Experiência fluida para Dewey.

Mas a experiência fluida, que na verdade é apenas um produto do hábito, de comportamentos habituais, de respostas habituais, é interrompida pelo que Dewey chama de situações-problema. Situação-problema. E são somente as situações-problema que estimulam o pensamento.

Veja bem, o papel da inteligência, do intelecto, é na resolução de situações problemáticas. Caso contrário, você segue em frente por hábito, sem pensar. Sabe, você pensa no que está fazendo quando dirige? Ou você só pensa de verdade no que fazer quando se depara com um problema? Lembro-me de dirigir em Seattle.

E se você já dirigiu em Seattle, sabe que existem algumas ladeiras muito íngremes com placas de pare no topo. É quase tão ruim quanto dirigir em algumas partes de São Francisco. Sabe, você já viu aquelas fotos da ladeira que dá voltas e voltas e voltas .

Sabe, tem aquelas subidas íngremes com placas de pare no topo. Agora, como você normalmente se comportaria numa situação dessas se você cresceu dirigindo em estradas planas como as nossas? É um problema. Você pensa em várias alternativas e aí pode fazer o que eu já fiz em algumas dessas ocasiões: puxar o freio de mão, pisar na embreagem e trocar de marcha.

E solte gradualmente o freio de emergência, na esperança de que você consiga acelerar o suficiente para ultrapassar o obstáculo. Bem, a questão é que a experiência fluida é interrompida por situações problemáticas que exigem raciocínio. Você tem ideias.

Eu sei o que vou fazer. Ei, vamos tentar isso. É um tipo de pensamento experimental.

Você pensa, experimenta ideias para resolver problemas. Agora, se você gosta de procurar situações dialéticas, uma situação-problema é uma situação dialética. Há uma tese, uma antítese e uma síntese.

A tese é a experiência fluida que é interrompida pela antítese em uma situação problemática, alguma situação ameaçadora. Tese, antítese. E o que você busca ao chegar à ideia certa é uma síntese que lhe permita abraçar a tese da antítese e seguir para a próxima.

A síntese torna-se a tese seguinte. Assim, a dialética está bem ali. Bem, a inteligência, então, é a resolução de problemas no decorrer da experiência habitual, o que leva à sua psicologia funcionalista.

Em termos simples, a psicologia funcionalista é a teoria de que todos os nossos processos mentais, processos psicológicos, são simplesmente funções de necessidades corporais, funções de necessidades biológicas. Assim, nossos desejos são funções biologicamente baseadas de um organismo que tenta se ajustar ao seu ambiente, tentando responder a algo no ambiente. A razão é uma função do organismo que se desenvolveu, refletindo sobre como se ajustar ao ambiente.

E às vezes essa razão está envolvida em modificar os desejos à luz do que você descobre sobre a situação problemática. Não precisa se preocupar. Vai ficar tudo bem.

Observe, observe, observe e observe isso. E o crescimento não é um movimento constante em direção a um objetivo fixo, mas um processo evolutivo contínuo no qual várias experiências são incorporadas à experiência contínua, que é o eu. Psicologia funcionalista.

E você pode ver algo disso nas páginas 83 a 86, por exemplo, nas páginas cinco e seis logo no início, onde ele insiste que somos criaturas do desejo, e não do intelecto, basicamente. Psicologia funcionalista. Certo, e é aí que você começa a ver, subjacente a tudo isso, o conceito de experiência e a psicologia, sua teoria da seleção natural.

Você verá no capítulo três que ele rejeita explicitamente qualquer fixidez das espécies, pois reconhece que a visão tradicional de fixidez das espécies é simplesmente uma extensão das formas fixas e essências fixas de Aristóteles. Francamente, acho que ele está certo ao afirmar que a fixidez das espécies é simplesmente uma continuação da tradição aristotélica. Ele rejeita quaisquer universais reais e, ao rejeitar universais reais, rejeita causas finais intrínsecas de natureza fixa.

Talos. Não existem fins predefinidos a serem perseguidos na ética ou em qualquer outra área. Não existem leis fixas do pensamento.

A forma como pensamos é simplesmente uma ferramenta para nos adaptarmos a um mundo em constante mudança, e as leis do pensamento surgiram como ferramentas que se mostraram eficazes nessa adaptação. Portanto, seu argumento é que a filosofia não é pura teoria. Ela surge em um contexto prático.

Isso retroalimenta um contexto prático. A experiência concreta é toda a sua matriz, e não a teoria pela teoria. Bem, esses três conceitos, creio eu, resumem o que se pode chamar, se quiser, de núcleo teórico do pensamento de Dewey.

Preciso ter cuidado ao usar o termo "teórico" em relação a Dewey, mas estou falando do núcleo teórico de seu pensamento. Trata-se da grande hipótese que gera hipóteses menores em relação à epistemologia, filosofia da mente, etc., etc., para as quais ele acredita haver confirmação experimental. Aplicações.

Muito bem. Vamos repassar esses itens. Podemos fazer isso bem rápido.

Eu já disse que ele fala de pensamento experimental, e não preciso explicar o porquê novamente. É simplesmente a aplicação do método científico a tudo. E assim, ele fala em naturalizar a epistemologia.

De fato, até hoje, você encontra livros e artigos filosóficos sobre epistemologia naturalizada, e a ideia de naturalizar a epistemologia começa com Dewey. Ele buscava uma epistemologia que, em vez de prescrever como devemos conhecer, em vez de uma epistemologia prescritiva, descrevesse a natureza da investigação, por assim dizer, em seu ambiente natural, que são as demandas práticas da experiência concreta. Epistemologia naturalizada, o que significa que a epistemologia será descritiva da maneira como a investigação opera de acordo com a teoria da seleção natural.

Portanto, a perspectiva evolucionista influencia o seu trabalho. Consequentemente, ele adota a visão operacionalista dos conceitos científicos de forma muito explícita. Em 1925, Percy Bridgman, o físico de Harvard, publicou um livro chamado A Lógica da Física, no qual desenvolveu a visão operacionalista, que creio já ter sido insinuada por outros antes, mas foi Bridgman quem a desenvolveu sistematicamente, e Dewey a adotou.

Então, o operacionalismo é simplesmente a visão de que o significado de um conceito teórico na ciência tem a ver com o que é empiricamente observável quando se realizam certas operações. É um significado operacional, uma definição operacional. Sim, vemos o tempo todo, ao discutirmos como devemos proceder, as

peessoas apresentam teorias, propostas, teorias educacionais, ideias curriculares, e a questão é: como operacionalizá-las? O mesmo acontece com as políticas públicas.

Um candidato pode apresentar uma ideia maravilhosa, e então alguém pergunta: "Como você vai operacionalizar isso?". Veja bem, aqui está em ação a teoria pragmática do significado, de William James, porque se você quer saber o que um conceito teórico significa, você pergunta quais são suas consequências práticas, o que acontece quando você o operacionaliza? Então, o operacionalismo é simplesmente uma aplicação da teoria pragmática do significado à filosofia da ciência. O exemplo que eu gosto vem da mineralogia, onde a escala de dureza de Mohr, ou seja, falando sobre a dureza dos minerais, o conceito de dureza, a escala de dureza de Mohr supostamente informa sobre a dureza dos minerais, ou pelo menos a dureza relativa de um mineral em comparação com outro. É só isso que ela informa.

Por quê? Porque, ao usar a escala de dureza de Mohr, você esfrega dois minerais um contra o outro, e aquele que deixa a marca é, por definição, mais duro do que o que é marcado. Então, o que é dureza? É a capacidade relativa de riscar. Essa é uma definição prática de dureza.

Não está dizendo o que a dureza faz. Não, retire o que disse. Não está dizendo o que é dureza.

Nada a ver com a essência da dureza. Trata-se do que a dureza representa. O que acontece quando você realiza uma determinada operação? Portanto, o operacionalismo está presente na filosofia da ciência e, obviamente, é semelhante à visão instrumentalista da ciência.

O instrumentalismo é a visão de que a ciência não nos informa sobre a natureza da realidade. Ela simplesmente nos fornece conhecimento útil que podemos usar para pesquisas futuras ou para desenvolver aplicações científicas. Agora, pergunte a estudantes de ciências por que eles escolhem a ciência, por que pretendem seguir carreira científica.

Muitos deles dirão: "Bem, por causa do que posso fazer com isso". Veja bem, não se trata apenas de ganhar a vida, mas de trabalhar com medicina, engenharia, meio ambiente e assim por diante. A ciência aplicada.

Ora, o instrumentalismo defende que é exatamente isso que a ciência faz. Veja bem, as teorias científicas não devem ser interpretadas como revelações sobre a natureza da realidade. As teorias científicas são simplesmente instrumentos úteis para o que chamamos de ciências aplicadas.

Agora, estamos entrando na questão da relação entre teoria e prática. Teoria e prática. Pela forma como algumas pessoas falam sobre uma educação em artes liberais, você poderia pensar que essa educação tem um valor puramente instrumental, não se preocupando com a verdadeira essência das coisas, com o que significa ser humano, com a natureza da realidade.

Assim, o instrumentalismo é considerado uma versão do antirrealismo na ciência. Veja bem, o realismo científico é a visão de que a ciência nos informa sobre a realidade. O antirrealismo científico é a visão de que a ciência não nos informa sobre a realidade.

E Dewey é um dos principais contribuintes para o antirrealismo científico, nesse sentido. Mas observe suas razões para isso. O conhecimento é uma função de um organismo biológico que se adapta ao seu ambiente.

Ao se adaptar a um ambiente problemático, você não precisa conhecer a essência da realidade. Você não precisa de um amontoado excessivo de teorias. Tudo o que você precisa são algumas ideias sobre como resolver o problema.

Assim, em vez de falar sobre lógica formal tradicional, ele fala de lógica experimental, a lógica do pensamento experimental. Ele tem um livro intitulado *Lógica*, que não contém silogismos. A lógica trata do pensamento experimental, entende?

Ele tem um livrinho, bem básico, chamado "Como Pensamos", que explica como pensamos de uma forma mais superficial, focada na resolução de problemas. Certo, você está dirigindo na estrada. Situação problemática.

Uma carroça agrícola está saindo de uma estrada secundária à sua frente e entrando na estrada principal. O que você vai fazer? Várias ideias passam pela sua cabeça. Quebrar, primeira coisa.

Desvie bruscamente, número dois. Saia da estrada de vez, número três. Levante as mãos e torça para que o airbag abra, número quatro.

Sabe? Normalmente, assim que essas ideias surgem na sua mente, uma delas já se destaca como a melhor opção. Por quê? Porque você se baseia na experiência adquirida. É, você tem uma vasta experiência por ter dirigido por um tempo, entende? Por experiências passadas.

Você extrapola para esta situação. Então, o que você faz é pisar no freio bruscamente, desviar e sair da rodovia, tudo de uma vez. Agora, talvez existam algumas situações em que você realmente precise experimentar essas ideias.

E ele conta um caso em que alguém está indo para uma entrevista de emprego. O caminho passa por uma área arborizada, atravessa uma ponte sobre um riacho e chega à cidade. Bem, o cara chega à ponte e descobre que ela está quebrada.

Está fora de questão. Não há ponte. O que ele vai fazer? Se ele voltar e der a volta pela estrada, vai se atrasar para a entrevista de emprego.

Se ele seguir rio acima na esperança de encontrar outra ponte, isso é uma possibilidade. Ele faz experimentos mentais com essa ideia. Vamos ver, quão longe fica aquela outra ponte lá em cima? Quanto tempo levaria para chegar lá e, depois de chegar lá, para voltar? Certo, experimentos mentais.

Outra alternativa é tentar um salto em distância por cima do riacho. Bem, ele não tem certeza se vai funcionar, então o que ele faz é praticar alguns saltos em distância na margem para ver até onde consegue ir. Você acha que vai dar certo? Bom, vamos tentar mesmo assim.

E confirmação experimental. O que é uma ideia? Veja bem, você tem uma ideia. O que é uma ideia? Não é uma mera representação, uma cópia de qualidade secundária de um objeto de qualidade primária.

Não. Uma ideia é uma hipótese. É um plano de ação, provisório.

E você se baseia em experiências passadas, experimenta para ver se resolve o problema. E uma boa ideia é aquela que funciona. Como fazer funcionar? Colocando em prática.

O que é verificar? Verificar é tornar algo verdadeiro. Você torna algo verdadeiro. E isso só é verdade quando você chega à sua entrevista de emprego na hora marcada e sem lama no corpo.

Então, pensamento experimental. É assim que ele fala sobre epistemologia. Ele repudia a certeza para fins práticos.

Ele repudia o empirismo do espectador. John Locke. Tábula rasa.

Receber ideias passivamente. Bobagem. Ele repudia qualquer dualismo sujeito-objeto, sabe, onde a mente está aqui fora adquirindo representações mentais do que está lá fora.

Não, ele repudia tudo isso. Porque todos eles separam o pensamento da ação. A teoria da prática.

O que importa é a utilidade de uma ideia. A verdade não é algo objetivo, fixo e imutável, independente do observador. A verdade é simplesmente a utilidade, a viabilidade de uma ideia.

Certo, então essa é a aplicação à epistemologia lógica. Ficou claro? Entende por que ele está indo por esse caminho? Filosofia da mente. Bem, não há muito mais a dizer depois da observação sobre a psicologia funcionalista.

Claramente, ele está rejeitando qualquer teoria substancial da mente ou da alma. Ele não tem, ou pelo menos não vê, um problema mente-corpo se a mente não for uma entidade separada. Tudo o que ele está disposto a discutir em relação à filosofia da mente são as várias coisas que chamamos de funções mentais.

Mental é um adjetivo. Ou seja, a palavra "mental" se refere exclusivamente a certas funções biológicas que envolvem a consciência. Teoria dos valores.

Aqui, ele possui uma série de escritos importantes. Um de seus primeiros livros é intitulado "A Teoria da Valoração". E outro é chamado "Natureza Humana e Conduta".

E aqui ele considera os valores simplesmente como ideias. Valores são ideias. Em que sentido? Bem, valores são resultados ideais.

Resultados ideais que surgem em situações problemáticas. Ou seja, você não valoriza evitar aquela carroça até que a situação surja. Aí, biologicamente, você precisa evitá-la.

E da necessidade biológica surge a valoração. Dewey não está interessado no valor no sentido daquilo que é intrinsecamente e eternamente valioso. Ele está interessado apenas no valor no sentido daquilo que é ativamente valorizado.

Valores são aquilo que é valorizado. E você valoriza aquilo que valoriza em situações problemáticas. Você não percebe isso de outra forma.

como resolver o problema. Não existem fins intrinsecamente bons .

Você se lembra de como Aristóteles definiu o bem como intrinsecamente bom? O bem supremo abrange todos os outros bens. Intrinsecamente bom, não bom em função de algo mais.

Bem, o que Dewey quer enfatizar é um continuum meios-fins. Ou seja, o fim, o ideal, envolve em si mesmo os meios para atingir esse fim. Mas quando esse fim é alcançado, lembre-se de que ele se torna a tese para uma nova antítese.

Portanto, esse fim em si é simplesmente um meio para outros fins. Não existe nada que seja apenas um fim, um fim intrínseco, um fim fixo. Quando você chega lá, você chegou lá, e ponto final.

Nunca é um período. É tudo um processo. Portanto, não existem absolutos morais.

Não existe um bem supremo. Os valores emergem de necessidades não satisfeitas. Os valores são instrumentos de sobrevivência.

Os valores não são, em um sentido intrínseco, bens morais. São bens não morais. A sobrevivência é algo não moral.

Nada. E, no entanto, adquire um valor inestimável em certas situações problemáticas. A ética, portanto, tem a ver com a forma de resolver problemas e alcançar o que desejamos.

Como resolver problemas e alcançar o que desejamos. Essa é a ética instrumentalista. Ele a chama assim: instrumentalismo na ética.

E o trabalho de Dewey sobre ética foi um dos principais fatores que contribuíram para o desenvolvimento, há duas ou três décadas, da ética situacional. Essa ética foi popularizada em um livro com esse título, escrito por Joseph Fletcher, sem parentesco com outro Fletcher famoso por aqui. Joseph Fletcher, de Harvard.

Um livro sobre ética situacional. Defendia que, sim, cada situação moral deve ser abordada individualmente. Não existem regras morais gerais.

Não existem regras fixas. Existem princípios morais universais. Cada situação deve ser resolvida de uma forma que seja satisfatória para as pessoas envolvidas.

Ele acrescentou mais alguns ingredientes, mas esse é o ingrediente pragmático. E é muito simples, a coisa do Dewey com algumas notas existenciais envolvidas. Então, a teoria do valor dele naquele momento.

Educação? Sim, em educação, você deveria dar uma olhada no livro dele, Democracia e Educação. Democracia e Educação. Ele vê a função da educação como aprender a viver.

Aprender a viver. Ou seja, a educação fornece os instrumentos necessários para a resolução de problemas. Para a resolução de problemas.

Aprender não significa ter coisas para contemplar a vida toda. Ler Platão. Melton.

Tanto faz. Aprender não é tentar incutir valores fixos. É a herança de valores do passado.

Não, esse não é o valor da aprendizagem. Isso é educação clássica. A educação é, na verdade, uma preparação para a adaptação bem-sucedida ao ambiente.

Orientado para a resolução de problemas. Orientado para o aluno. Em vez de ser orientado para a disciplina .

Ou com uma orientação histórica. Ou simplesmente com uma orientação intelectual. Certo.

Acho que, na educação americana, desde Dewey, desenvolvemos uma espécie de combinação entre as tradições clássicas e sua ênfase na aprendizagem que proporciona habilidades para a vida. E por razões que, acredito, fazem com que nossa visão de mundo tenda a incorporar algumas das preocupações de Dewey sem, no entanto, adotá-las integralmente. Ainda temos pontos de referência fixos.

Aplicação à religião. E aqui, o livro importante dele se chama Face Comum. Face Comum.

Se não existem verdades ou valores fixos, então a religião não é simplesmente uma tentativa de transmitir certas verdades e valores. O que é, então? Não se trata de ideais estáticos. A religião é, mais uma vez, uma ferramenta para a adaptação à vida.

O mesmo tema permeia toda a obra. Ele não está tão interessado em uma religião ou em diferentes religiões quanto no adjetivo "religioso", que se refere a uma qualidade, uma atitude perante a vida. Uma atitude religiosa é a de lealdade aos ideais da comunidade.

Lealdade aos ideais da comunidade. Mas por quê? Bem, por dois motivos. Um deles é a etimologia da palavra religião, que significa refazer o laço.

Ou, se preferir, reunir. Assim, a religião tem a função de reunir indivíduos dentro de uma comunidade em virtude da lealdade a certos ideais intangíveis de natureza convencional ou tradicional. Não se trata de dois ideais fixos.

Em outras palavras, a religião é importante por causa de sua instrumentalidade. Não porque seja verdadeira, mas sim por causa de sua instrumentalidade.

Nesse contexto, a palavra Deus não é o nome de um ser, mas um símbolo dos ideais que a comunidade percebe. A busca por Deus. A busca pelos ideais da comunidade.

E ele argumentaria que este é o denominador comum mais baixo em todas as religiões históricas. O denominador comum mais baixo de todas as religiões históricas. Ele não está apontando para uma crença específica; ele está apontando para uma atitude.

Afinal, as religiões são praticadas em comunidade, unidas em torno das preocupações dessa fé. Portanto, o que Dewey está dizendo sobre religião é, na verdade, a essência do humanismo religioso.

E Dewey foi um dos signatários originais do Manifesto Humanista, que na década de 1930 declarou que o universo é autoexistente, o homem é parte da natureza e surgiu como resultado de um processo contínuo. A cultura religiosa do homem é produto de um desenvolvimento gradual devido à interação com o meio ambiente natural. A ciência torna inaceitáveis quaisquer garantias sobrenaturais ou cósmicas dos valores humanos.

O humanismo religioso considera a plena realização da personalidade humana, a satisfação e assim por diante, como o fim da vida. E assim por diante. E eu tenho cópias desse Manifesto Humanista, que você pode pegar na saída e ler quando quiser.

Documento muito interessante. O humanismo secular das décadas de 70 e 80 é simplesmente um descendente posterior disso. O humanismo religioso é uma religião naturalista.

Entendeu? Religião naturalista. Onde Deus significa o que Dewey diz. Ou seja, é um símbolo de ideais.

Chega. E, com muita frequência, trata-se de um humanismo naturalista, que se encontra hoje em dia nos círculos unitaristas. Historicamente, o unitarismo era uma espécie de teísmo.

Veja bem, em contraposição ao trinitarismo. Mas, cada vez mais, o unitarismo e o movimento pela unidade são simplesmente humanismo naturalista, com a defesa de certos valores.

Na verdade, os valores morais e sociais defendidos são muitas vezes muito bons. Portanto, é a dimensão religiosa que constitui o elemento naturalista. Bem, certo, voltaremos a este assunto na próxima vez.

Alguns comentários sobre John Dewey.